

## O jardim dos refugiados

### The Garden of Refugees

Enviado em: 20/04/2015

Aceito em: 29/07/2018

Rui Gomes Coelho<sup>1</sup>

#### **Resumo:**

O presente artigo busca discutir o jardim como um objeto que permite problematizar a questão dos refugiados, campos de concentração, plantations escravistas e outras circunstâncias extremas do mundo moderno e contemporâneo. O autor argumenta que o jardim pode ser caracterizado como um tropo da modernidade em sua evocação de agência e liberdade, mas também de aprisionamento e violência. A arqueologia é percebida como um poderoso instrumento para trazer à tona e denunciar essa multiplicidade de sentidos, através das especificidades que o estudo da materialidade permite, levando-nos a questionar estereótipos de vitimização e afastamento.

**Palavras-chaves:** jardim, refugiados, arqueologia

#### **Abstract:**

The present article seeks to discuss the garden as an object that makes it possible to problematize refugees, concentration camps, slave plantations and other extreme forms of the modern and contemporary world. The author of the argument that the garden can be presented as a trope of modernity in its evocation of an agency and freedom, but also of imprisonment and violence. Archeology is perceived as a great tool to generate and describe this multiplicity of meanings, through the specificities that the study of materiality permits, leading us to question the conditions of victimization and remoteness.

**Key-words:** garden, refugees, archaeology

---

<sup>1</sup> É Pós-doutorando na Binghamton University, State University of New York.

Um pequeno jardim  
Perfumado e cheio de rosas.  
O caminho é estreito  
E um menino caminha por ele.  
Um menino, um doce menino  
Assim como as flores que desabroçam.  
Quando as flores enfim desabrocharem  
O menino não mais será  
("The Garden", by Franta Bass – Terezín, c. 1943)

Todos os jardins necessitam ser cuidados, e carecem de alguém que conheça os ciclos e temperamentos da natureza. É difícil pensar que refugiados tenham qualquer relação com jardins, já que vivem em itinerância, mas neste texto eu pretendo contrapor essa ideia. Primeiro, eu evocarei o múltiplo e conflitivo caráter do jardim como um tropo da modernidade, uma evocação de agência e liberdade, que é também um lugar de aprisionamento e violência. A seguir eu procurarei mostrar como os jardins podem ser usados como um ponto focal para observar a articulação da expatriação e do trabalho, uma intersecção que é o ponto fulcral da modernidade. Finalmente, irei brevemente discutir o papel potencial da arqueologia no fenômeno moderno da expatriação.

Acadêmicos admitem ser os jardins não somente um fenômeno ecológico, mas a articulação entre ideias, espaços e ação. Mark Francis e Randolph Hester (1990, p.8) denominam o jardim como "um complexo ecológico de realidade espacial, processo cognitivo e trabalho real". Os jardins podem ser definidos como lugares que manifestam o poder da humanidade sobre as circunstâncias naturais, a projeção de uma ordem idealizada, ou ainda um lugar de isolamento e escape. Esta é a razão pela qual os jardins são um tropo tão poderoso, e também é a razão pela qual eles são considerados lugares de aprisionamento em sociedades que simultaneamente atraem e repudiam os refugiados.

Entretanto, como um tropo, os jardins são também ambíguos, e como tais, eles nos ajudam a articular várias escalas de ambivalências face aos refugiados contemporâneos. Na discussão que se segue eu caracterizo os jardins como lugares onde os refugiados podem exercer algum controle sobre suas vidas, mas também onde eles são rejeitados. Eu argumento que o encontro conflitivo que tem palco nos jardins é melhor compreendido como os vemos como locais de trabalho, lugares onde pessoas produzem víveres para suprirem a si mesmos e suas famílias, e também

para suprirem o mercado. Além disso, a ambiguidade dos jardins convida os arqueólogos a exergarem para além das narrativas de vitimismo que reforçam o estranhamento em relação aos refugiados, e a ver as materialidades transitórias de suas vidas como reflexos de nossas próprias sociedades.

Muitos poucos de nós localizariam jardins em meio às violentas imagens que acompanham as notícias de sofrimento nas jornadas dos refugiados e outros migrantes. Há uma boa razão para isso: nós tendemos a acreditar que jardins simbolizam o lar e que são parte de um mundo previsível, no qual o sofrimento é moderado pelas certezas da nossa vida cotidiana. Os refugiados não podem retornar aos seus lares e não podem contar com a rotina para conforta-los. Além disso, cultivar um jardim pode ser sinal de enraizamento e de integração social. No início do século XX nos EUA, imigrantes eram encorajados a manter jardins e gramados esmerados, como símbolos de ordem social (Alanen 1990, p.161).

A presente abordagem pode ser surpreendente, então. Em Outubro de 2014, uma jornalista chamada Rosie-Lyse Thompson documentou jardins e seus cultivadores no campo de Zaatari, Jordânia. Os refugiados sírios que viviam lá haviam criado uma variedade de jardins com propósitos diversos (tanto canteiros de vegetais, quanto elaborados tapetes floridos). Save the Children, uma ONG que opera nesse campo de refugiados, promove aulas de “jardinagem e paisagismo” para seus moradores. Para os refugiados, manter um jardim é uma oportunidade de lembrar o lar, mas também uma forma de transformar as duras condições em que são obrigados a viver. “Mesmo que estejamos tendo pequenas alegrias (jardins) isso faz uma grande diferença” (citado em Thonson 2014). De forma similar, também é referenciado em Março de 2015 que os migrantes da Maurîtânia que moram no improvidado campo próximo a Calais, norte da França popularmente conhecido como “a selva” teriam construído um galinheiro e uma pequena horta, de forma a criar um lugar para se estabelecerem e começarem uma nova vida: “você nunca poderá estar nervoso tendo um jardim e animais”, explicou um dos refugiados (Franceinfo 2015). Os jardins tornaram-se lugares onde pessoas promovem um afastamento do meio no qual estão inseridas e constroem alternativas (Francis; Hester 1990, p.11). Refugiados também estão cultivando jardins no campo de Kara Tepe, na ilha grega de Lesbos. A ONG Humanitarian Support Agency procura envolver os moradores temporários do campo na produção agrícola destinada a todas as “famílias de baixa renda” da ilha. A ONG vê a ação como um ato simbólico de reciprocidade pela hospitalidade da municipalidade

local. Neste caso, o cultivo transforma-se em uma maneira de enfatizar as dificuldades comuns e diminuir as barreiras (Germain, 2016).

Em circunstâncias extremas, tais como no caso das comunidades de escravizados, idealizar e levar a cabo uma horta ou jardim era uma forma de resistência (Pulsipher 1994, p.217–218). Os detidos dos campos de concentração também cultivavam, ou imaginavam, jardins como uma forma de lidar com a violência. Korbinian Aigner, um padre católico alemão e oponente do regime nazista, foi designado para trabalho agrícola forçado enquanto estava preso em Dachau em 1941. Apesar das condições do campo, ele cultivou um pequeno pomar e no fim da guerra ele havia criado cinco novas variedades do fruto (Larsen 2012). O poema de Franta Bass, usado como epígrafe deste texto mostra que as sensibilidades de Aigner e Bass convergiram sob circunstâncias semelhantes. Bass, que nasceu em 1930, escreveu seu poema quando estava detido no campo de Terezín (Theresienstadt) entre Dezembro de 1942 e o ano 1944 e morreu em Auschwitz em outubro de 1944, com 14 anos de idade (Volavková 1993 [1959], p.96).

Seja em campos de refugiados, plantations ou campos de concentração, cultivar está longe de ser como cultivar em liberdade, em casa. É uma forma de lembrar o que é ser humano, o que é desabrochar através da natureza em tempos de privação e sofrimento (Irigaray e Marder 2016).

Zygmunt Bauman (1989) vê no jardim uma poderosa metáfora da modernidade; a produção de uma ordem totalmente regulada e burocratizada seria similar ao trabalho do cultivador. Como ele, o Estado e outros construtores da modernidade executam uma série de procedimentos com o objetivo de manter o jardim livre de ervas daninhas, organizados de acordo com uma série de princípios racionais e excludentes das forças que poderiam constituir uma ameaça. Nesse sentido, o Holocausto foi o sub-produto do trabalho do cultivador enquanto a busca por um jardim perfeito e idealizado, livre de plantas indesejáveis. O esforço dos jardineiros em limpar as ervas daninhas é tão importante quanto o seu papel como organizador do jardim: idealizando-o, selecionando as plantas certas e regando-as nos momentos certos. O jardim é o orgulho do jardineiro quando cresce e floresce, mas também quando está limpo.

O jardineiro de Bauman não é somente teórico; a criação de jardins é também um elemento prático na construção da modernidade. No século XVIII as elites desejavam que seus jardins representassem o mundo que governavam, com buxo

moldado e parterres cuidadosamente mantidos, como nos jardins arqueologicamente documentados de William Paca em Annapolis, Maryland (Leone 2005, p.63-83). Algumas elites encorajaram a construção de jardins como uma forma de vincular seus súditos à terra em que eram forçados a viver: os senhores de engenho nas Américas ao longo do século XIX, especialmente cafeicultores na província do Rio de Janeiro, encorajavam seus escravos a criar hortas e hortaliças (Werneck, 1985 [1847], p.63–64).

Os jardins são mais do que uma “tecnologia de ideologia”, como Mark Leone colocou (2005, p.67). Eles foram parte integrante de duas das instituições fundamentais da modernidade: plantations escravistas e campos de concentração. Os jardins formam complementares às economias das plantações, fazendo com que os escravos gerassem uma porção significativa de seus próprios alimentos e encorajando-os a buscar redes comerciais locais através das quais pudessem trocar mercadorias ou ganhar algum dinheiro. Os jardins também faziam parte das experiências dos campos de concentração no século XX. Havia estufas no complexo de Auschwitz, onde os prisioneiros cultivavam hortaliças e flores para o consumo do campo e para abastecer a economia de guerra. Coincidentemente, em 2015, refugiados sírios estavam sendo acomodados nas antigas unidades agrícolas do campo de concentração de Dachau, na Alemanha, para o espanto dos sobreviventes do Holocausto que haviam trabalhado nas plantações do campo (Hardach 2015).

Mais uma vez, a metáfora do jardim é importante para entender a ambivalência a respeito dos refugiados. Os Estados anfitriões e as ONG's estão tentando administrar a atual crise, organizando campos de refugiados; A União Européia também está tentando lidar com os recentes eventos em suas fronteiras ao sul através de um acordo com a Turquia que tem por objetivo reorganizar as rotas de migração e minimizar a influência dos traficantes de pessoas (European Council 2016). No entanto, as iniciativas de muitas dessas instituições vão além das razões humanitárias e seguem a lógica racista e xenofóbica dos estados-nação modernos. Eles burocratizam os refugiados de maneira semelhante aos jardineiros que se orgulham de cultivar hortaliças e seus belos canteiros. Os acampamentos geram novas subjetividades. Eles também podem produzir novos arranjos políticos e econômicos: os estados acabam usando a realocação de refugiados dentro de suas próprias fronteiras como um sinal de prestígio humanitário. Mas o campo é, como Michel Agier colocou, um local de dessocialização e de submissão a um novo arranjo social no qual

os refugiados serão identificáveis como uma ameaça ou como um grupo a ser penalizado (Agier 2011, p.148). O refugiado será sempre um estranho a partir do momento em que entra no campo.

Bauman definiu o estranho como o Outro radical que simultaneamente encanta e desafia a ordem da modernidade. De fato, o estranho não se opõe à ordem, mas a desafia, estando indeciso e obscurecendo seus limites (Bauman 1991, p.53-56). Bauman sugere ainda que os refugiados são, no mundo moderno, "lixo humano": seres humanos indesejáveis sem lugar na sociedade, sem assimilação possível, sem futuro para além de estarem confinados a locais de despejo. Como com outros tipos de desperdício, seu gerenciamento é um dispositivo social (Bauman 2004, p.76-82). No entanto, parece-me que os refugiados ocupam uma importante função econômica.

A explicação de Claude Meillassoux de como as pessoas se tornam escravas pode nos ajudar a articular as noções de estranheza de Bauman com as funções econômicas do refugiado. Para Meillassoux, os escravos são incapazes de se reproduzir socialmente. Os escravos são dessocializados, despersonalizados, dessexualizados e decivilizados durante o processo de escravização. Como consequência, eles são inscritos como estranhos (*étrangers*) e são atribuídos a funções econômicas (Meillassoux 1986, p.99-116).

O mesmo poderia ser dito daqueles prisioneiros em campos de concentração, particularmente no caso de campos de trabalhos forçados. O promotor de Julgamento de Nuremberg, Benjamin Ferencz (2002 [1979], p.17-30), de maneira significativa, definiu o trabalho forçado nos campos nazistas como um processo de "extermínio pelo trabalho". Isso não significa que a escravidão e o holocausto nazista sejam sinônimos. Pelo contrário, são ambas experiências modernas e desumanas, definidas pelo trabalho. Em uma sociedade capitalista como a nossa, na qual a personalidade é expressa pela troca e propriedade de mercadorias, os trabalhadores são definidos como aqueles que possuem seu trabalho. Seu efeito final é o de transformar trabalhadores em mercadorias (cf. Arendt, 1998 [1958], p.161-163), pessoas que se tornam coisas enquanto fazem coisas para os outros. Escravos, prisioneiros e refugiados: eles são vistos como privados de ação política por aqueles que têm o poder de determinar as regras, e seus corpos são separados de suas subjetividades de modo a corresponder a uma ordem econômica (cf. Agamben 1998; Starzmann 2015a) . Poderíamos falar de um processo similar de desumanização pelo trabalho no caso dos refugiados contemporâneos?

As histórias de refugiados sírios expulsos de cidades turcas são particularmente evocativas da ambivalência do estranho, e de como essa ambivalência se cruza com as práticas trabalhistas. A Agência de Notícias Dog˘ an informou que, em 23 de dezembro de 2014, os habitantes da província de Antalya atacaram as casas dos trabalhadores agrícolas sírios no que parecia ser um conflito acerca de empregos. O governador de Antalya tentou assegurar aos locais que a ordem pública seria mantida enviando os sírios embora: “Estamos enviando avisos para deixar a cidade. Mas nossos produtores de alimentos estão exigindo a contratação de sírios por causa da mão-de-obra barata e que eles são pessoas de confiança ”(citado em Dog˘ An News Agency 2014). Em 2015, as pessoas de uma cidade da mesma província avistaram um grupo de cerca de 100 sírios acampados na mata enquanto procuravam trabalho em estufas. Os moradores locais chamaram a polícia, que os obrigou a deixar Antalya (Sun Express 2015). Apesar da crise econômica que está abalando a maior parte do continente, algumas das narrativas que vemos na mídia européia em apoio ao acolhimento de refugiados são realmente baseadas no potencial econômico dos refugiados em um continente com uma perspectiva demográfica pessimista (Dettmer e cols. 2015). Esta narrativa corresponde à relação ambígua da União Européia com os trabalhadores sazonais do lado sul do Mediterrâneo, que estão autorizados a atravessar o mar para se dedicarem ao trabalho agrícola sob regimes especiais (Mésini 2009).

Quando entrevistados sobre a concentração de refugiados perto de suas casas, os vizinhos aflitos da “selva” de Calais mencionaram intrusões indesejadas em jardins privados. Os moradores locais acusaram os refugiados de levar cercas e lixeiras de seus jardins, materiais que parecem ser úteis no campo (Baer 2015; Ouest-France, 2015). Como Christopher Tilley (2008) mostrou, a nação pode ser imaginada e reproduzida através da rotina de jardinagem. Desta forma, os jardins são locais de exclusão e as incursões dos estranhos podem ser vistas como invasões. O prefeito apontou alternativas: “jardins, playgrounds e ciclovias” planejados que deveriam substituir as tendas temporárias de outro acampamento improvisado perto de Dunkirk (Boitiaux 2016). Naturalmente, o que as autoridades locais querem dizer com “jardins” são os espaços públicos monótonos cheios de “guarnições de beira de estrada” (Burckhardt 2006, p.288-289) que agora são típicas da maioria das cidades suburbanas da Europa. Eles podem ser tão monótonos quanto uma rodovia, mas para

os angustiados moradores, esses chamados jardins serão mais reconfortantes do que uma paisagem ocupada por estranhos que passam.

Essas posições em relação aos refugiados são apenas superficialmente paradoxais. O jardim de Bauman é composto de “plantas cultivadas” e ervas daninhas que esperam ser erradicadas (Bauman 1989, p.17-18). Refugiados são Outros em termos políticos e culturais na atual crise migratória, vegetação que precisa ser domesticada no arranjo adequado do jardim. Essa domesticação, eu argumento, acontece através do trabalho. Os refugiados estão presos na máquina da modernidade, e o jardim simboliza a interseção de dois de seus modos operativos: alienação social e exploração econômica. Os refugiados constroem jardins temporários nos campos em que são obrigados a viver como tentativas de melhorar sua condição transitória; eles também são forçados a vender seu trabalho em situações difíceis, em estufas e outros lugares de onde obteremos nossa comida. Enquanto isso, grupos de extrema direita como a Frente Nacional na França acusam o governo da Alemanha de aceitar a chegada de refugiados para escravizá-los (Faye 2016). Quando a lei internacional complica o estranhamento formal dos refugiados, os extremistas transformam suas ansiedades culturais em padrões de trabalho.

O jardim, como vemos, é um local multifacetado, com significados conflituosos: aquele em que os refugiados são domesticados e confrontados com sua estranheza, mas também um espaço de dissensão e resistência. Os jardins transmitem os traços afetivos da experiência dos refugiados: deslocamento, estranhamento, violência, determinação, invenção, emoção (cf. Hamilakis, este número).

Como a maioria das pessoas, os arqueólogos ficam impressionados com o que vêem da crise dos refugiados. A violência da imagem mediada torna nossas sociedades incapazes de testemunhar o sofrimento dos refugiados. O jornalismo pode não ser suficiente para retratar o sofrimento, criar empatia e delinear o que precisa mudar; as fotografias e vídeos que entram em nossas vidas todos os dias têm como objetivo documentar as perigosas viagens e dificuldades daqueles que tentam escapar, seguir em frente e construir novas vidas; mas o efeito dessas imagens é agir como um filtro que gera distanciamento em relação aos refugiados, produzindo simples vitimizações.

Os arqueólogos têm uma abordagem diferente da violência e da variedade de seus efeitos. Eles investigam traços materiais deixados por humanos em uma tentativa de entender e significar realidades que são, ou foram, esquecidas. Em muitos casos,

esses vestígios materiais são a única evidência que resta de um evento ou da vida de alguém. Às vezes, quando há tentativas de apagar ou interromper a existência de indivíduos ou grupos inteiros, apenas a arqueologia pode dar sentido a esses traços (González-Ruibal 2016, p.34-37). Arqueólogos fazem isso através de documentação metódica e organizando as evidências. Os resultados desses métodos são reagrupados em um conjunto de produtos - imagens, textos, relacionamentos - que se tornam outra camada material do que eles buscam estudar; uma camada mais profunda e diferenciada de compreensão. Em relação às fotografias do “assunto mais solene ou comovente”, Susan Sontag argumentou que seu “peso e seriedade [...] sobrevivem melhor em um livro, onde se pode olhar de forma privada, demorar-se nas fotos, sem falar”. Isso se aplica tanto aos produtos do trabalho dos arqueólogos quanto às fotografias. Sontag acrescenta, no entanto, que

até que, em algum momento, o livro será fechado. A emoção forte vai tornar-se transitória. Eventualmente, as especificidades das acusações das fotografias desaparecerão; a denúncia de um determinado conflito e atribuição de crimes específicos se tornará uma denúncia da crueldade humana, selvageria humana como tal. (Sontag, 2003, p.121-122)

É preciso fazer a arqueologia torna-se um ato de testemunho (cf. Starzmann 2015b).

Raffaella Puggioni (2014, p.954-956), em sua análise da detenção de migrantes na Itália, propôs que o testemunho da violência é uma forma de resistência contra agentes desumanizantes e uma maneira de reafirmar um senso de humanidade. Eu gostaria de sugerir que nossa responsabilidade como arqueólogos é testemunhar ativamente e destacar testemunhos desencadeados pelas viagens dos refugiados e os traços materiais que eles deixam para trás (Starzmann 2015a). Os ativistas enfrentam a tentação de assumir o papel de traduzir experiências de violência e sofrimento, orientando e determinando politicamente o que é a violência e como o outro sofre (Fassin 2008). O desafio é olhar para as materialidades temporárias dos refugiados e revelar o que eles incorporam, seja em seu potencial opressivo ou nas alternativas que eles evocam. E então temos que escrever sobre isso e fazer os outros sentirem isso:

Formas discursivas de dissensão têm o potencial de transgredir fronteiras e engendrar a agência humana, não causando diretamente eventos específicos, mas criando uma linguagem que nos fornece olhos diferentes,

com a oportunidade de reavaliar novamente as dimensões espaciais e políticas da vida global. (Bleiker 2000, 45, em Puggioni 2014, p.953)

Roland Bleiker estava pensando na poesia dos dissidentes quando escreveu esta passagem, mas podemos estendê-la ao nosso trabalho.

O papel do arqueólogo contemporâneo como testemunha é crucial aqui. O olhar arqueológico, argumentou Gabriel Moshenska (2013), prospera nas sociedades modernas devido ao seu caráter incomum. Assim como os teatros anatômicos da Europa moderna, a arqueologia é uma performance através da qual o oculto é revelado e exposto ao escrutínio público. Referindo-se ao estranho no sentido freudiano, Moshenska sustenta que o processo de revelação do que deveria ser escondido pode ser simultaneamente convincente e repulsivo. É dessa tensão que surge nossa percepção, assim como sua relevância para discutir a vida dos refugiados. Precisamos de um envolvimento multissensorial com o sofrimento deles (sensu Hamilakis 2013). Não que devamos procurar replicar suas experiências - como se isso fosse possível -, mas precisamos encontrá-las em seus acampamentos e abrigos, reconhecer e confrontar suas circunstâncias materiais. Ao fazê-lo, os arqueólogos podem revelar o que a busca de riqueza sempre crescente pelas elites globais realmente implica.

Por outro lado, os arqueólogos também têm a opção de descobrir os dispositivos sociais e econômicos que dispersam os seres humanos e os alienam da dignidade; e aqui vejo os produtos usuais da pesquisa arqueológica (ou seja, livros, folhetos, documentos e brochuras) como motivo de repreensão, especialmente para os acadêmicos que se consideram ativistas. O que torna nosso trabalho diferente dos antropólogos, assim como dos sociólogos ou das ONGs, é que consideramos a cultura material como socialmente constitutiva e lidamos com a cultura material por meio de um ofício particular que é um conjunto de teoria e técnica, habilidade e criatividade (McGuire 2008, 85-86). Assim, uma arqueologia politicamente coerente pode ajudar a conectar as escalas envolvidas: os jardins nos acampamentos de refugiados e as estufas onde eles são obrigados a trabalhar, os jardins invadidos nas proximidades dos acampamentos de refugiados e o jardim metafórico da UE e outros hospedeiros estados. Nosso papel como arqueólogo-testemunhas é revelar as agudas gradações de um contexto complexo que vai muito além das narrativas de vitimização e resgate normalmente retratadas pela mídia. Como Yannis Hamilakis sugeriu (esta questão), os migrantes mostram e reivindicam sua agência nos deslocamentos, ou mesmo quando

são forçados a ingressar nos campos de refugiados. É nosso dever nos engajarmos com eles de maneira politicamente consequente.

O tropo de jardinagem torna-se então parte de uma paisagem reveladora. A criação de um jardim é uma maneira disfarçada de aceitar sua condição orgânica e as maneiras pelas quais escapará ao controle humano. As plantas crescerão e morrerão apesar de todos os esforços humanos para adestrar a vida (Betsky 2001, p.9). Segundo Bleiker, o

potencial de agência, sua capacidade de abrir novas formas de perceber política, pode ser apreciado uma vez que aceitamos, com Rilke, e como condição permanente de vida, que sempre “estamos no meio de uma transição, onde não podemos permanecer de pé”. (Bleiker 2000, p.281)

Da mesma forma, os jardineiros transitórios de Zaatari, a “Selva” e Kara Tepe vão continuar se movendo até que, indentamente, estejam em um lugar seguro para se instalarem e criar novos jardins.

Ao concluir, observo novamente o jovem falando de seu jardim na “Selva” de Calais. Ele certamente não está mais lá, já que o acampamento foi desmontado enquanto este ensaio estava sendo revisado. Eu ouço suas palavras com esperança, no entanto. Os caminhos percorridos pelos refugiados para percorrer os jardins da modernidade são quase tão estreitos quanto os do menino na epígrafe. Mas sua capacidade de transformar e prosperar nas paisagens que eles navegam é uma oportunidade para questionarmos narrativas de vitimização que reforcem o seu estranhamento. Para Luce Irigaray, a miríade de sinais sensoriais provocados pelo mundo vegetal pode ajudar as pessoas a entenderem sua própria existência e se tornarem seres diferentes e orgânicos (Irigaray e Marder 2016, p.99–102). Nesse sentido, os jardins são uma dupla oportunidade: pensar sobre as instituições e as circunstâncias materiais que os refugiados enfrentam e pensar em nós mesmos - acadêmicos e ativistas - como parte da mesma ecologia de dissensão e resistência.

### **Agradecimentos**

Estas considerações são o resultado de muitas conversas, e eu gostaria de agradecer especialmente a Alfredo González-Ruibal, Hande Sarikuzu, Lúcio Menezes Ferreira, Maria Theresia Starzmann, Yanni Hami Iakis e aos revisores anônimos.

### **Referências**

Agamben, G. **Homo Sacer: Sovereign Power and Bare Life**. Stanford, CA: Meridian, 1998.

Agier, M. **Managing the Undesirables: Refugee Camps and Humanitarian Government**. Cambridge: Polity, 2011.

Alanen, A. R. Immigrant Gardens on a Mining Frontier. In: **The Meaning of Gardens: Idea, Place, and Action**, edited by M. Francis and R. T. Hester Jr, 160–165. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

Arendt, H. **The Human Condition**. Chicago: University of Chicago Press, 1998 [1958].

Baer, S. **Migrants: les riverains de la 'jungle' de Calais traumatisés**. Franceinfo 11 November, 2015. Available online. <http://www.franceinfo.fr/actu/societe/article/migrants-les-riverains-de-la-jungle-de-calais-traumatises-744865>

Bauman, Z. **Modernity and the Holocaust**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. **Modernity and Ambivalence**. Ithaca, NY: Cornell University Press. 1991.

\_\_\_\_\_. **Wasted Lives: Modernity and its Outcasts**. Cambridge: Polity, 2004.

Betsky, A. Dig We Must: An Argument for Revelatory Landscapes. In: **Revelatory Landscapes/** Aaron Betsky, Leah Levy, Dean MacCannell, edited by A. Betsky. San Francisco: San Francisco Museum of Modern Art, 2001.

Bleiker, R. **Popular Dissent, Human Agency and Global Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

Boitiaux, C. **La boue au ventre**. Dans le premier camp humanitaire de France. France: 24, 2016. Available online: Part 1: <http://webdoc.france24.com/grande-synthe-migrantscamp-insalubrite-calais-dunkerque-humanitairemsf-mdm/> Part 2: <http://webdoc.france24.com/migrants-camp-humanitaire-grande-synthe/>

Burckhardt, L. **Why Is Landscape Beautiful? The Science of Strollology**. Basel: Birkhäuser, 2006.

Dettmer, M., C. Katschak and G. Ruppert. **German Companies see Refugees as Opportunity**. Spiegel Online, 27 August. 2015. Available online: <http://www.spiegel.de/international/germany/refugees-are-an-opportunity-for-the-germaneconomy-a-1050102.html>

Dogʻan News Agency. **Syrian Refugees Attacked, Urged to Leave in Antalya**. Hürriyet Daily News, 24 December. 2014. Available online: <http://www.hurriyettailynews.com/syrian-refugeesattacked-urged-to-leave-in-antalya.aspx?pageID=238&nID=76056&NewsCatID=341>

European Council. **EU-Turkey Statement, 18 March 2016**. 2016. Available online: <http://www.consilium.europa.eu/en/press/pressreleases/2016/03/18-eu-turkey-statement/>

Fassin, D. The Humanitarian Politics of Testimony: Subjectification Through Trauma in the Israeli-Palestinian Conflict. In: **Cultural Anthropology** 23 (3), 2008.

Faye, O. Crise des migrants: le FN tient Angela Merkel pour responsable. In: **Le Monde**, 24 September. 2016. Available online: [http://www.lemonde.fr/politique/article/2015/09/24/lallemagne-nouveau-bouc-emissairede-marine-le-pen\\_4770239\\_823448.html#HDr2sBzMQA1BazKJ.99](http://www.lemonde.fr/politique/article/2015/09/24/lallemagne-nouveau-bouc-emissairede-marine-le-pen_4770239_823448.html#HDr2sBzMQA1BazKJ.99)

Ferencz, B. B. **Less than Slaves: Jewish Forced Labor and the Quest for Compensation**. Bloomington: Indiana University Press, 2002 [1979].

Franceinfo. **Migrants à Calais: la jungle est devenue une véritable petite ville**. 7 August. 2015. Available online: [http://www.francetvinfo.fr/france/nord-pas-de-calais/migrants-a-calais/migrants-acalais-la-jungle-est-devenue-une-veritable-petiteville\\_1033081.html](http://www.francetvinfo.fr/france/nord-pas-de-calais/migrants-a-calais/migrants-acalais-la-jungle-est-devenue-une-veritable-petiteville_1033081.html)

Francis, M. and R. T. Hester Jr. The Garden as Idea, Place, and Action. In: **The Meaning of Gardens**. Idea, Place, and Action, edited by M. Francis and R. T. Hester Jr. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

Germain, B. A Garden That Outgrows Its Fence. In: **The Lyceum**, 14 August. 2016. Available online <https://learninglyceum.org/2016/08/14/a-gardenthat-outgrows-its-fence/>

González-Ruibal, A. **Volver a las Trincheras: Una Arqueología de la Guerra Civil Española**. Madrid: Alianza Editorial, 2016.

Hamilakis, Y. **Archaeology and the Senses: Human Experience, Memory, and Affect**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

Hardach, S. The Refugees Housed at Dachau: 'Where Else Should I Live?'. In: **The Guardian**, 19 September. 2015. Available online: <http://www.theguardian.com/world/2015/sep/19/the-refugees-who-live-atdachau>

Irigaray, L. and M. Marder. **Through Vegetal Being: Two Philosophical Perspectives**. New York: Columbia University Press, 2016.

Larsen, L. B. Korbinian Aigner. In: **Documenta (13): The Guidebook**. Catalog 3/3, 34–35. Ostfildern, Germany: Hatje Cantz, 2012.

Leone, M. **The Archaeology of Liberty in an American Capital: Excavations in Annapolis**. Berkeley: University of California Press, 2005.

McGuire, R. **Archaeology as Political Action**. Berkeley: University of California Press, 2008.

Meillassoux, C. **Anthropologie de l'Esclavage**. Paris: Presses Universitaires de France, 1986.

Mésini, B. Enjeux des mobilités circulaires de main d'oeuvre: l'exemple des saisonniers étrangers dans l'agriculture méditerranéenne. In: **Méditerranée** 113, 2009.

Moshenska, G. The Archaeological Gaze. In: **Reclaiming Archaeology: Beyond the Tropes of Modernity**, edited by A. González-Ruibal, 211–219. London and New York: Routledge, 2013.

Ouest-France. **Réfugiés**. Nouveaux heurts aux abords de la 'Jungle' de Calais. 11 November, 2015. Available online: <http://www.ouest-france.fr/monde/refugies-nouveaux-heurts-aux-abords-de-la-jungle-de-calais-3832298>

Puggioni, R. Against Camps' Violence: Some Voices on Italian Holding Centres. In: **Political Studies** 62 (4), 2014.

Pulsipher, L. M. The Landscapes and Ideational Roles of Caribbean Slave Gardens. In: **The Archaeology of Garden and Field**, edited by N. F. Miller and K. L. Gleason, 202–222. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1994.

Sontag, S. **Regarding the Pain of Others**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2003.

Starzmann, M. T. The Materiality of Forced Labor: An Archaeological Exploration of Punishment in Nazi Germany. In: **International Journal of Historical Archaeology** 19 (3), 2015a. pp. 647–663.

\_\_\_\_\_. "Zeitschichten/Bedeutungsschichten: Archäologische Untersuchungen zur NS-Zwangsarbeit in Berlin-Tempelhof." In: **Historische Archäologie** 2015b., Article 2. Available online: [http://www.histarch.uni-kiel.de/2015\\_Starzmann\\_low.pdf](http://www.histarch.uni-kiel.de/2015_Starzmann_low.pdf)

Sun Express. **130 Syrian Refugees in Seydikemer Sent to Antalya**. 2015. Available online: <http://www.sunexpressnews.com/130-syrian-refugees-in-seydikemer-sent-to-antalya/>

Thomson, R. When We Garden, We Feel Happy. In: **Al-Jazeera**, 27 October, 2014. Available online: <http://www.aljazeera.com/indepth/inpictures/2014/10/pictures-when-garden-feelhappy-2014102771959578411.html>

Tilley, C. From the English Cottage Garden to the Swedish Allotment: Banal Nationalism and the Concept of the Garden. In: **Home Cultures** 5 (2), 2008, pp.219–250.

Volavková, Y., ed. **I Never Saw Another Butterfly: Children's Drawings and Poems from Terezin Concentration Camp 1942-1944**. New York: Schocken Books, 1993 [1959].

Werneck, F. P. de L. **Memória Sobre a Fundação de uma Fazenda na Província do Rio de Janeiro**. Brasília: Senado Federal, 1985 [1847].